

APRESENTAÇÃO

Educação de Surdos e Língua de Sinais

Neste número temático¹ da Revista *Perspectiva* reuniram-se estudos no campo da língua de sinais e da educação de surdos em um dossiê, além de estudos no campo da educação e processos inclusivos. A razão de organizar um *Dossiê Educação de Surdos e Língua de Sinais* está relacionada com os movimentos sociais e políticos neste campo e na sua inter-relação com os demais. A reflexão sobre os processos inclusivos se impõe em uma sociedade que está buscando o reconhecimento das diferenças tanto na educação como na sociedade, uma vez que o processo de produção da existência de homens e mulheres passa por (e perpassa!) essas mediações. A legislação, os direitos humanos e os próprios movimentos sociais se apresentam como estratégicos nesses processos. As manifestações nas práticas sociais implicam necessidades que instauram saberes e demandam fazeres.

Em especial, a educação de surdos e a língua de sinais estão em pauta. A Lei da língua brasileira de sinais (Libras), n. 10.436 de 2002, e a sua regulamentação, por meio do Decreto n. 5.626, de 2005, abrem um campo de formação de educadores que incluem a Libras em seus currículos. Além disso, cursos específicos são propostos por meio do decreto: Curso de Pedagogia Bilíngüe (Libras e Língua Portuguesa) para formar professores de surdos para atuarem na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental; Curso de Licenciatura em Letras Libras para formar professores de Libras e Curso de Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa para formar tradutores intérpretes de Libras. Estes cursos de formação são fundamentais, pois legitimam por meio da educação formal tais campos de estudos.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) abriu o Curso de Licenciatura em Letras Libras na modalidade à distância com 500 vagas distribuídas em nove unidades federativas do país: a Universidade Federal do Amazonas, a Universidade Federal do Ceará, a Universidade Federal da Bahia, a Universidade de Brasília, o Centro Federal de Educação

Tecnológica de Goiás, a Universidade de São Paulo, o Instituto Nacional de Educação de Surdos do Rio de Janeiro, a Universidade Federal de Santa Maria e a própria UFSC. O processo seletivo contou com 3.178 candidatos, dos quais 500 foram selecionados por meio de uma avaliação organizada na própria língua de sinais e na Língua Portuguesa. Pela primeira vez no país está sendo oferecido um curso de graduação para formar professores de Libras. Dos 500 alunos, 447 são surdos e 53 são ouvintes bilíngües que estão tendo acesso à formação superior pública gratuita. Inaugurou-se um dos cursos propostos pelo Decreto 5.626.

Além disso, a UFSC está sediando o 9º *Congresso Internacional de Pesquisas em Línguas de Sinais – Theoretical Issues in Sign Language Research 9 Conference – TISLR 9*², de 6 a 9 de dezembro de 2006. Este é um dos eventos mais importantes da área e está acontecendo pela primeira vez fora da América do Norte e da Europa. Pesquisadores do mundo inteiro fazem parte da programação deste evento trazendo resultados de pesquisas de diferentes línguas de sinais. O Dossiê *Educação de Surdos e Língua de Sinais* integra a temática do Congresso: *a evolução dos estudos das línguas de sinais da década de 60 até os dias de hoje com palpites sobre os caminhos das investigações no futuro: línguas de sinais: desfiar e fiar o passado, o presente e o futuro*³. Contamos com pesquisadores que contribuíram com os primeiros estudos das línguas de sinais, bem como com novos pesquisadores que estão apontando novas direções das investigações.

Seguindo essa temática, Robert Hoffmeister⁴ foi entrevistado, uma vez que este pesquisador realizou o primeiro curso de graduação em Estudos Surdos nos Estados Unidos, em 1981. O professor Hoffmeister nos brinda com uma entrevista que relata os primeiros passos neste campo. Foi por meio deste curso que os Estudos Surdos (*Deaf Studies*) se estabeleceu como um campo de estudos. O professor apresenta a relação entre o desenvolvimento dos Estudos Surdos e o Empoderamento do Mundo Surdo (*Deaf Studies and Empowerment of DEAF WORLD*). “Os estudos surdos irão empoderar as pessoas surdas no sentido de provocar novas questões, questões difíceis de serem respondidas pela comunidade e por aqueles que trabalham com a comunidade. Os Estudos Surdos irão estabelecer o espaço, quero dizer, espaço para pessoas perguntarem e investigarem todos os tipos de questões que envolvem o MUNDO SURDO”⁵.

A seguir, a Revista traz os artigos completos que compõem o *Dossiê*. Temos a contribuição do **Robert Johnson** que também faz parte da vanguarda dos estudos das línguas de sinais. Johnson foi um dos precursores dos estudos lingüísticos da língua de sinais americana e discute uma questão que está em voga na educação de surdos: o implante coclear. O autor faz uma análise das implicações culturais, técnicas e éticas do implante coclear realizado em crianças surdas. Ele conclui que os achados não são muito diferentes dos resultados encontrados nos “velhos” estudos realizados com crianças surdas oralizadas (sem acesso à língua de sinais). Ainda estamos desafiando o passado no presente.

Contamos também com a **Maura Corcini Lopes e Alfredo Veiga-Neto** que provocam uma série de reflexões que se situam no campo dos Estudos Surdos mencionado por Robert Hoffmeister como “questões” que, às vezes, são difíceis de responder, mas constroem um discurso que vai além dos que estão postos. Os autores trazem pensares sobre o *ser surdo: pensar sobre a constituição e os marcadores surdos que ajudam a definir o que reconhecemos por grupo e comunidade surda é pensar qual espaço tem servido de território para que a comunidade surda se constitua e se mantenha como tal*. Parece que estamos falando do velho tema ser surdo, reinventando a surdez.

Madalena Klein discute a questão da formação de surdos, um espaço altamente “controlado” pelas políticas públicas instauradas. A autora faz uma análise de documentos que evidenciam a formação de surdos a partir da anormalidade. O fio deste tear ainda é o mesmo desde os movimentos ouvintistas de 1800 na Europa... A autora faz um exercício para desfiá-lo e indica um outro viés da questão: o deslocamento da racionalidade.

Adriana Thoma e Nize Maria Campos Pellanda começam a fiar o presente e o futuro abordando as novas tecnologias na educação de surdos. As autoras discutem relações entre o homem e a máquina nos processos de inclusão e exclusão, bem como na produção dos saberes. O texto instiga-nos a refletir sobre os papéis das novas tecnologias na educação.

A questão da escrita ressurge, outro velho tema da educação de surdos, estamos fiando e desfiando, mas com outro olhar, por meio do artigo de **Tatiana Bolívar Lebedeff**. A autora analisa as estratégias usadas por uma professora surda para ensinar o português escrito. Aqui, a pesquisadora ouvinte, diante do outro surdo que está fazendo o processo de ensinar seus pares surdos, busca trazer elementos que não foram

considerados nos estudos sobre a escrita até então. Há uma iniciativa em inverter a lógica das relações que sempre teve como professor aquele que fala o português, ou seja, o professor ouvinte. Mais uma vez, os Estudos Surdos se apresentam com “questões” interessantes para se pensar a educação de surdos, como afirma Robert Hoffmeister.

Ainda relacionado com a escrita, **Fernando C. Capovilla, Claudia Z. Mazza, Roseli Ameni, Maria V. Neves e Alessandra Gotuzzo Seabra** Capovilla trazem um teste no contexto de vários testes que vêm sendo aplicados extensivamente no país com surdos. Os resultados demonstram correlações entre aspectos da língua de sinais e a competência de leitura. Pesquisas experimentais como esta trazem evidências para o que inúmeros professores percebiam empiricamente em sala de aula, embora não identificassem claramente as razões.

Fechamos o conjunto de artigos do *Dossiê* com o texto provocativo de **Márcia Lise Lunardi** que faz uma análise da política de educação especial no contexto da educação inclusiva. A autora utiliza o termo “gerenciamento de riscos” como uma política “preventiva” para evitar o risco da anormalidade. Lunardi analisa os mecanismos de controle que estão sendo articulados pelo sistema para garantir a ordem estabelecida. Esses se aplicam àqueles que são classificados como deficientes, entre eles os surdos, dentro da política atual da educação. A autora desfia e fia os discursos da educação especial que incorporaram os surdos dentro de “todos”.

O *Dossiê Educação de Surdos e Língua de Sinais* traz, também, duas resenhas das obras: *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*, de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Karnopp e *Enciclopédia da língua brasileira de sinais*, de Fernando Capovilla e Walkiria Duarte Raphael, realizadas por **Heloisa Maria Moreira Lima Salles e Enilde Faulstich**, respectivamente. Ambas, envolvidas com os estudos relacionados com a educação de surdos no campo da lingüística, apresentam uma análise detalhada com elementos relacionados às suas áreas de especialidade. Heloisa Salles desenvolve estudos lingüísticos relacionados ao ensino da língua portuguesa como segunda língua, bem como com as línguas como objetos de estudos em si, e Enilde Faulstich desenvolve estudos no campo da lexicografia, uma das mais renomadas lexicógrafas do país.

A *Perspectiva*, dada a importância do tema, abre um espaço especial nesse número para a reprodução na íntegra da Lei de Libras 10.436 e do

Decreto 5.626 que a regulamenta, uma vez que tais documentos são instrumentos políticos que possibilitam a “legitimidade” dos anseios dos próprios movimentos surdos que se iniciaram no Brasil na década de 1980. Essas leis integram o tecer e refletem o passado no presente com impacto no futuro. (Anexos)

Este número traz, também, artigos do campo da educação e processos inclusivos. **Eric Plaisance** percorre o *emaranhado de relações e de inter-relações onde intervêm aspectos biológicos, psicológicos e sociais* para discutir as articulações entre o real e as representações do que é estar em “desvantagem” (*handicap*). O autor questiona o sistema que inventa uma “integração em nome do bem para todos” denunciando as suas ambigüidades e a desconsideração da individualidade de cada um. Na verdade, o texto reflete uma discussão que não se restringe à França, mas uma realidade que está no Brasil. Estamos desfiando e fiando novamente, agora em um contexto mais abrangente, o contexto da chamada “educação especial” que não existe mais na França com este nome, mas que se impõem por meio de documentos e leis.

Ainda como parte da temática geral, contamos com o artigo de **Sadao Omote** com análises preciosas dos “termos”, e suas representações nos espaços relacionados à educação. Neste artigo, termos como *diversidade* e *diferenças* ou *diferenças individuais* são contextualizados na perspectiva da “inclusão”, não restringida à inclusão escolar, mas à inclusão social: *É a sociedade, e não a escola, que precisa ser radical e totalmente inclusiva.*

Por fim, o artigo de **Paulo Ross** trata da relação professor e aluno. O autor faz uma análise baseando-se nas concepções de educação, de aprendizagem e de inclusão. Com esses elementos, discute uma pedagogia da inclusão relacionada com a pedagogia do “pertencer” e desenrola uma série de questões relacionadas às formas que o “conhecimento inclusivo” pode tomar dependendo de onde surgem.

As tramas feitas e refeitas por meio destes textos compõem esta Revista *Perspectiva*, Edição Especial, Dossiê *Educação de Surdos e Língua de Sinais* fiando e desfioando o passado, o presente e o futuro neste campo e no campo dos processos inclusivos.

Florianópolis, primavera 2006
Ronice Müller de Quadros
Organizadora

Notas

- 1 Agradeço ao Prof. Lucídio Bianchetti que semeou a idéia deste *Dossiê* e ajudou a regar esta semente tornando-a uma árvore juntamente comigo.
- 2 Disponível em: <[http:// www.tislr9.ufsc.br](http://www.tislr9.ufsc.br)>.
- 3 Agradeço à Regina Maria de Souza, da UNICAMP, pela proposição da temática.
- 4 Agradeço à Profa. Gilka Girardello, da UFSC, que com seu tom jornalístico deu vida a esta entrevista.
- 5 Tradução feita pela autora.